



O filósofo, mestre em Educação e responsável pela coluna Correio Educação, professor José Antônio, está em Portugal, visitando a escola da Ponte. Para o educador, a viagem era um sonho antigo, acalentado há, pelo menos, três anos. O filósofo, mestre em Educação e responsável pela coluna Correio Educação, professor José Antônio, está em Portugal, visitando a escola da Ponte. Para o educador, a viagem era um sonho antigo, acalentado há, pelo menos, três anos. No educandário, localizado na Vila das Alves, na região do Porto, norte do país, José Antônio entrou em contato com uma experiência de sucesso: uma escola pública onde, acredita, estão presentes as ideias de expoentes da educação e da pedagogia, como Georges Snyders e Pestalozzi; Freinet e Kirkpatrick; Paulo Freire e Moacir Gadotti; Bourdieu e Passeron; Antonio Nóvoa e Montessori e outros.

Em seu relato enviado diretamente da escola, o professor repassou as suas primeiras impressões. Segundo conta, em uma conversa com a coordenadora do educandário, Ana Amoreira, todo dia é um dia de pesquisa e de aprendizagem na Ponte: “Não existe nenhuma filiação direta a nenhum princípio ou conceito específico de um desses teóricos, mas quem já leu e estudou os conceitos desses autores consegue perceber a vivência de conceitos muito aproximados aos desses teóricos, na rotina da Ponte”, frisa.

### Um pouco da rotina

Nessa escola, as aulas começam às 8h30 e terminam às 16h, ou seja, em tempo integral. Todos os dias, menos às quartas-feiras, os alunos têm um intervalo das 10h30 às 11h e o almoço das 12h30 às 14h. Nesse espaço de tempo as crianças se ocupam com atividades muito variadas. As crianças, cujos pais trabalham e não podem pegá-las no final do horário, ficam na escola, fazendo atividades suplementares, tais como: aula de música, informática, inglês e matemática, até às 18 horas, durante todas os dias da semana, exceto às quartas-feiras.

Às quartas-feiras, as crianças fazem atividades diferenciadas, como visita turística, desportos etc. E, na parte da tarde, ficam dispensadas das aulas, pois os professores se reúnem por várias horas, para fazer discussões pedagógicas: “Pense nisso, leitor! Uma parte da tarde, todas as semanas, para os professores avaliarem sua atuação pedagógica e os

dispositivos didático-pedagógicos que estão utilizando para incentivar a promoção da aprendizagem autônoma dos estudantes”, frisa.

Conforme relata o professor, não há sirene para intervalos entre aulas, pois não há aulas formais. As crianças não precisam pedir para ir ao banheiro e nem é perceptível o momento em que estão saindo para tomar uma água ou para ir ao banheiro: “Desde o primeiro dia em que as crianças chegam à escola, sejam iniciantes, sejam veteranas, elas definem seu plano de trabalho e assumem responsabilidades. Isso é confirmado pelos constantes registros que estou vendo as crianças fazerem em suas fichas que eles têm de controlar e que, posteriormente, são analisadas pelos educadores”, explica.

Assim que os estudantes chegam para a rotina de trabalho, eles elaboram o seu Plano do dia. Esse plano é uma forma de executar parte do que escolheram para seu Plano Quinzenal. No período de quinze dias, os estudantes definem o que querem aprender, dentro do programa do Ministério da Educação: “Mas isso é flexível, uma vez que é respeitado o foco de interesse de estudo da criança. Possivelmente, essa possibilidade se aproxima ao que John Dewey denominava de centro de interesses para pesquisar e estudar. Elas cumprem as tarefas, em vista de desenvolver competências. Se elas mobilizam conhecimentos, elas são consideradas competentes”, destaca José Antônio.

Em conversa com o professor José Antônio, a coordenadora Ana Amoreira informou que, por vezes, o Plano Quinzenal escolhido pela criança tem de ser orientado, de forma que os estudantes não fiquem indefinidamente em uma tarefa específica de uma valência de estudo, sabendo que a escola faz parte de uma rede pública de ensino e precisa apresentar resultados de aprendizagem. As crianças da iniciação são orientadas a escolher uma tarefa nova ou um tema são acompanhadas por um orientador.

Ainda segundo o professor, há diferenças básicas, desde a denominação à forma: “O que denominamos série, aqui (em Portugal), é chamado de vez. Assim, um estudante que está na 5ª série, está na 5ª. vez. O que seriam salas de aulas, aqui são grandes espaços, com vários dispositivos pedagógicos, como livros, revistas, computadores com acesso wireless à internet, mesas redondas para trabalhos em grupos, projetor e outros recursos multimídia; espaços para artes plásticas e instrumentos musicais como teclados, marimbas, violões etc. Os quadros com pincéis atômicos são utilizados, esporadicamente, para um e outro professor tirar dúvidas do grupo que necessitar. Os grupos de trabalho são estruturados no início do período letivo, pelos próprios estudantes. No decorrer do ano, os educadores, coletivamente, decidem pela remoção ou permanência de alguns no grupo já estruturado. É avaliado, neste caso, o maior ou menor desempenho na aprendizagem pessoal e colaborativa”, pontua.

Às sextas-feiras é realizada uma Assembleia, antecipada por uma atividade denominada Convocatória, onde é definida e discutida a pauta da Assembleia: “Recentemente, participei de uma Convocatória feita pelos alunos do Aprofundamento (correspondente ao nosso Ensino Fundamental) e fiquei admirado de ver a maturidade dos estudantes para discutir temas, ainda que professores tivessem de, por vezes, questionar conversas paralelas”, ressalta o educador.

Na primeira sexta-feira na Ponte, o professor José Antônio fotografou e filmou uma Assembleia realizada por crianças e adolescentes. Um dos itens era o Dia das Crianças sob a perspectiva dos Direitos das Crianças: “A mesa da responsabilidade (nome dado à equipe encarregada de preparar a pauta e fazer a apresentação do evento; composta por estudantes de várias idades) apresentou, em Power Point, um Eco-Código, feito em grupos, cujos princípios, escritos pelos estudantes, foram votados, com aspectos como cuidados com a energia; com a água e com a vegetação”, destaca.

### **Dinâmica do trabalho**

“Gostaria de lembrar que a palavra aluno, na sua raiz etimológica, significa “aquele que não tem luz”; que “depende da ideia e do saber e da luz do professor”. Já a palavra estudante significa aquele que investiga, que pesquisa e que questiona. Aqui, na Escola da Ponte, encontrei mais estudantes do que alunos”, explica.

O professor optou por ficar, nos primeiros dias, no espaço denominado Rubem Alves, homenagem feita ao educador, psicanalista, teólogo e escritor brasileiro: “Em um determinado momento, enquanto olho ao redor e digito, sinto que se fez um silêncio total. É tudo muito rápido. Basta alguém levantar a mão. Vejo dois alunos levantando a mão e dizendo que não há como continuar estudando, entre meio à conversa no salão. É verdade. Por vezes, o volume de vozes aumenta, mas nada ensurdecador, como se ouve em algumas salas de aula no Brasil. Sem esperar, alguém interfere e pede para os presentes falarem mais baixo. É destacável a franqueza com que falam e a postura como ouvem as observações e críticas, quase sempre feitas publicamente.

O educador relata, ainda, o momento em que um professor da ponte, Felipe, cobra mais produção por parte dos alunos: “Em determinado momento, Felipe pede a palavra, sempre levantando a mão para falar. Chama a atenção de alguns que perdem muito tempo sem trabalhar. Ele questiona os 50 minutos já passados e a pouca produção que ele observou por parte de alguns. Quem quer que peça silêncio é ouvido: sejam crianças, sejam adultos, o pedido é, respeitosamente, atendido e, por algum tempo, cumprido. Até que se volte a precisar

de mais intervenções. Sob o ponto de vista filosófico, parece que estão conseguindo resgatar por aqui o valor da palavra que tem sofrido um esvaziamento mundo afora; dado à sua banalização e superficialidade na sociedade do espetáculo”, observa.

Uma movimentação curiosa chamou a atenção do educador: “Crianças e adolescentes iam de um espaço a outro; cuja lógica estou entendendo aos poucos. Para as crianças, mesmo os menores, a lógica está clara. Tudo indica que as locomoções estão relacionadas ao Plano de Trabalho do dia, que é definido, logo no começo da atividade por cada criança, dentro de seu Plano Quinzenal. Em meio a um ir e vir de atividades, um professor aparece, procurando por alguns, para lhes entregar uma folha de atividades já corrigida, avaliada.

Os professores não param um instante sequer, pois são solicitados por alguma criança ou adolescente, quando não conseguem uns ajudar e tirar as dúvidas dos outros. Nesse momento, estou nesse espaço, e, em um canto, uma professora ouve e canta com duas crianças algumas músicas em inglês. É muito expressivo como, as crianças, cada um no momento que necessita e convém, levantam e consultam sua caixa pessoal, de onde retiram papéis para seus trabalhos. Uma dessas folhas é para a criança fazer seus comentários sobre o que estudou em seu Plano do Dia”.

Para concluir esse trecho da matéria, o professor faz algumas considerações: “Como nosso olhar é seletivo, e enxerga só o que lhe interessa, pode ser que, ideologicamente, eu queira enxergar algo em que acreditei encontrar; ou que eu queira ver, para justificar meu empenho e esforço para uma viagem ultramarina de pelo menos 7840 Km que separam o Brasil de Portugal, pelo Oceano Atlântico. De qualquer, forma, por mais distorcido e interesseiro que seja meu olhar; e por mais que eu queira enxergar o que não existe, há alguma coisa aqui, sim, diferente do que estamos acostumados a ver na rotina da escola tradicional.

E é alguma coisa sobre a qual vale a pena refletir, ainda que já esteja claro para mim que trata-se de um projeto em que os professores trabalham mais do que fazemos em nossas bem intencionadas (ou não) aulas teóricas, a que chamo de aulas expositivas, em que existe o saber do professor e o saber da escola e o professor se limita a transmiti-lo, enquanto os alunos acompanham o trabalho do professor de forma passiva, como se nada tivesse a ver com o que está sendo tratado”, explica.

## Portugal: Professor desvenda metodologia da Escola da Ponte

Escrito por Redação

Ter, 01 de Junho de 2010 14:07 - Última atualização Ter, 01 de Junho de 2010 14:25

---